

RELATO DE EXPERIÊNCIA

A versão final como relato de experiência que trago a seguir foi publicada nos ANAIS do 6º CONGRESSO CIENTÍFICO NACIONAL DE PESQUISADORES EM DANÇA – 2ª EDIÇÃO VIRTUAL¹

Asma: Um processo criativo mediado por ausências

Edson Beserra (PRODAN UFBA)

Comitê Temático Relato de experiência

Resumo: Proponho por meio deste relato refletir sobre emergências presentes em processos criativos tecidos à distância, por meio de ferramentas digitais. Trago para discussão “ASMA”, videodança produzido sob encomenda para o Festival Dança em Trânsito, que propôs o encontro remoto entre artistas de diferentes localidades, neste caso específico, Brasília e Berlim. Criar durante a pandemia, foi um grande desafio, onde o caráter emocional, essencial no processo criativo em Arte, ganhou força de quase descontrole, quando fomos atravessados pelo episódio vivido por George Floyd. Tornou-se emergente dançar tal sensação. Como abrir mão do encontro corpo a corpo? Como nos transmutar em presença cênica no processo criativo à distância? São questões que pretendo esmiuçar, atravessado, por autores como Carmen Luz, Daniela Guimarães e Paulo Caldas, na encruzilhada dança-sociedade-decolonialidade e quem sabe assim vislumbrar caminhos, novas travessias para um por-vir criativo.

Palavras-chave: DANÇA. VIDEODANÇA. MEMÓRIA. DISTÂNCIA. CRIAÇÃO

Abstract: I propose through this report to reflect on emergencies present in creative processes woven from a distance, through digital tools. I bring for discussion "ASMA", videodance produced ordered by *Festival Dança em Trânsito*, which proposed the remote meeting between artists from different locations, in this specific case, Brasilia and Berlin. Creating during the pandemic was a great challenge, where the emotional character, essential in the creative process in Art, gained strength of almost out of control, when we were crossed by the episode lived by George Floyd. It became emerging to dance such a sensation. How to give up the melee encounter? How to transmute us into a scenic presence in the creative process at a distance? These are issues that I intend to look at, crossed, by authors such as Carmen Luz, Daniela Guimarães and Paulo Caldas, at the crossroads dance-society-decoloniality and who knows glimpse paths, new crossings for a creative to-come.

Keywords: DANCE. VIDEODANCE. MEMORY. DISTANCE. CREATION.

¹ Disponível em: BESERRA, Edson. Asma: Um processo criativo mediado por ausências. *Anais do 6º Congresso Científico Nacional de Pesquisadores em Dança – 2ª Edição Virtual*. Salvador: Associação Nacional de Pesquisadores em Dança – Editora ANDA, 2021. p. 2133-2138.

Como artista e pesquisador da dança, não branco e gay, atuo em nossa área há trinta anos dos quais dez foram atravessados pela experiência-vivência como candomblecista. Um divisor de águas na minha percepção de Mundo. Para minha família de santo, e quando digo família - falo de um panteão que atravessa gerações e gerações em encontro direto com os meus antepassados de África - meu nome é *Naegan Sinalekue*.

Neste relato reflito sobre emergências presentes em processos criativos tecidos à distância, por meio de ferramentas digitais, que ainda que permeados por muito diálogo, tem sua comunicação por vezes espaçada, imprecisa, incompleta.

Trago como referência para discussão “*ASMA*”², videodança produzido sob encomenda para o Festival Dança em Trânsito³ que propôs o encontro remoto entre artistas de diferentes localidades, neste caso específico, Brasília e Berlim.

E se pudéssemos voltar no tempo? Dar alguns passos em direção a um passado remoto? Talvez tivéssemos preparados para o trabalho à distância, mediado por tecnologias de comunicação. Ambiente já explorado por artistas há anos, e, me pergunto o porquê de não ter me adentrado nesta seara criativa.



(Fig. 31) *Asma* pelas lentes do fotógrafo Thiago Sabino.

Quando eu, brasileiro e Martha Hincapie, colombiana radicada em Berlim, fomos notificados do sucesso na concorrência, celebramos. O desejo de fortalecer nossos laços, por meio de uma criação conjunta, nos parecia o bastante para enfrentar a solidão causada pela pandemia de Covid 19. Para Caldas (2021, n.p.), “na pandemia, os gestos com que nos laçamos estão agora suspensos e interditados, mas podem e devem insistir como signo; e é como signo em ato e pleno de corpo que podem e devem ser de novo e sempre reivindicados.”

² Vídeo da obra na programação do Festival com cerca de 400 visualizações, disponível em <https://youtu.be/x4V1qk1vrq4>

³ Festival de dança dirigido por Gisele Tápias sediado na cidade do Rio de Janeiro.

O que não imaginávamos é que como artistas inseridos na contemporaneidade, não poderíamos nos privar de dialogar diretamente com tudo que nos rodeava. E foi justamente no rodeio entre homem negro e homem branco, que o touro-preconceito, o touro-assassino, o touro-escravagista imperou. Touro cuidadosamente nutrido pelo capitalismo, pelo colonialismo e pelo patriarcado.

Em maio de 2020, George Floyd foi assassinado, asfixiado por um joelho, dobra do corpo que nos permite articular o andar, o correr, o saltar e o alçar voos, todas possibilidades de movimento, ali reduzidas à imobilização do corpo do outro. Pensar que o joelho do homem branco, fardado, empoderado por um sistema que o privilegia e que por ele é regido, sobre o pescoço de um homem negro, subalternizado, nos fez lembrar que nunca houve alforria dos processos escravagistas de exploração do Mundo.

“*I can’t breathe*”, fala repetida enquanto lhe foi possível repetir, ganhou as ruas em um levante mundial, nos lembrando que este alerta deveria ser ecoado na primeira pessoa do plural. De acordo com Luz (2019):

Dança-se para intensificar o “lembrar” e a lembrança enquanto dupla ação afirmativa: como redundância evocativa da própria festa e agência individual-coletiva sobre o esquecer, um ato e uma política que ao mesmo tempo revelam e perturbam as feições e os intestinos coloniais do *establishment*. (LUZ, 2019, p. 291)

Nós tínhamos como fluxo criativo as perspectivas de corpos isolados e nossas ancestralidades como resgates para a fabulação de um mundo futurista, porém distópico.

Se no princípio uma distopia nos daria o impulso para a trajetória criativa, a morte de Floyd nos paralisou a ambos. Nos faltou o ar que aquele homem tanto precisou. Não respiramos juntas, nos engasgamos juntas e morreremos também. Tornou-se emergente dançar tal sensação.

Mas como mover sem respirar?



(Fig. 32) *Asma* pelas lentes do fotógrafo Thiago Sabino.

Eu precisava de apoio, e Martha estava à quilômetros de distância, as pessoas amigas, as pessoas pares também. Nossas conversas nos enchiam de vazios, de incertezas. Como ela mesma me dizia “*todo eso es muy complejo mi amor*” ...sim, nos chamávamos por amor, *corazón*, querida. Afeto não nos faltava, o que nos faltava era o corpo a corpo. Diálogo não nos faltava, o que nos faltava era o conforto do corpo a corpo.

Restou-me, assim, introjetar aquelas sensações tão dolorosas, torná-las memória, encarná-las e regurgitá-las no dia das filmagens, em estado de performance, como ignição para o meu mover.

Vale ainda pontuar que o processo de edição desta obra também foi pautado por ausências e incertezas. É na montagem que se definem a dramaturgia e as histórias que podem ser contadas, costuradas, ouvidas e recontadas. Como descrito por Guimarães (2017),

[...]a criação do roteiro, a decupagem, os estados de imagens, a ação dos corpos, as criações de cenários, a escolha das locações, os movimentos de câmera, o uso de enquadramentos ou tipos de planos, as relações corpo e câmera até a ideia de composição final destes processos em sua montagem. Tudo parte e gira em função das percepções e sensações do corpo, no corpo e para o corpo. (GUIMARAES, 2017, p. 26)

Como abrir mão do encontro corpo a corpo? Como nos transmutar em presença cênica no processo criativo à distância. Reagir é necessário e talvez neste movimento de reação esteja o novo porvir criativo.



(Fig. 33) *Asma* pelas lentes do fotógrafo Thiago Sabino.

Edson Beserra

UFBA

edsonbeserra@gmail.com

Mestrando pelo PRODAN UFBA, candomblecista, artista e pesquisador da dança, desenvolve produções em sua área há quase 30 anos e se motiva por temas que perpassem dramaturgia, performance, memória e ancestralidade por um viés interseccional e transdisciplinar.

Orientadora

Daniela Bemfica Guimarães

UFBA

bemfica.daniela@ufba.br

artecose@hotmail.com

Professora efetiva da Escola de Dança da UFBA. Coordenadora de Ações Artístico-Acadêmicas da Escola de Dança Universidade Federal da Bahia (2020). Doutora e Mestre em Artes Cênicas pelo PPGAC/ UFBA (2012 e 2017). Docente Permanente do PPGDANÇA e PRODAN (UFBA). Líder Grupo de Pesquisa CORPOLUMEN: Redes de estudos de corpo, imagem e criação em Dança. Diretora do GDC: Grupo de Dança Contemporânea da UFBA (2017/2019) com o projeto “Trilogia do sonhar”.

REFERÊNCIAS

CALDAS, Paulo. **A dança dos corpos interditados**. LOIE. Revista de danza, performance y nuevos médios. Argentina, abr.2021. Disponível em <https://loie.com.ar/loie-08/reflexiones/a-danca-dos-corpos-interditados/>. Acesso em 18 de junho de 2021.

GUIMARÃES, Daniela. **CORPOLUMEN**: poéticas de (re)invenções no corpo na interação dança e cinema. Tese (Doutorado em Artes Cênicas). Escola de Teatro. Universidade Federal da Bahia. Bahia. 2017. Orientação: Profa. Dra. Ivani Santana. PPGAC-UFBA.

LUZ, Carmen. **Sobre não esquecer e lembrar**. In: HISTÓRIAS DA DANÇA: Antologia. São Paulo. Vol. 2. p. 287-299. 2019.